

Editorial

“Eu acredito, talvez até ingenuamente, no papel transformador da literatura. Filho de uma lavadeira analfabeta e de um pipoqueiro semianalfabeto, eu mesmo pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armário, operário têxtil, torneiro-mecânico, gerente de lanchonete, tive meu destino modificado pelo contato, embora fortuito, com os livros. E se a leitura de um livro pode alterar o rumo da vida de uma pessoa, e sendo a sociedade feita de pessoas, então a literatura pode mudar a sociedade.”

Luiz Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt (08/10/2013)¹

Partindo desta profunda convicção na força transformadora da palavra e da literatura mencionada por Luiz Ruffato, figura incontornável da literatura brasileira contemporânea, apresentamos o segundo volume da revista *Sêbê Non Linguagens*, primeira publicação científica dedicada às Humanidades no arquipélago de São Tomé e Príncipe, terra-mãe de tantos nomes que marcaram indelevelmente a literatura em língua portuguesa. Neste volume, confluem os frutos de uma aliança transnacional e transcontinental entre a Faculdade de Ciências e Tecnologias de São Tomé e Príncipe, o Instituto Guimarães Rosa, o Camões – Instituto de Cooperação e da Língua e o Centro de Linguística da Universidade do Porto. Reúnem-se aqui reflexões no âmbito dos Estudos Literários que dão voz a investigadores de múltiplas latitudes da CPLP. Embora transitem por constelações literárias distintas, todos partilham a experiência de terem visto o curso das suas existências transformado pela revelação da palavra escrita e pelo manuseio de um livro.

A presente publicação constitui o nosso modesto contributo para o cultivo de uma comunidade que aprecie os textos e, por inerência, a própria língua, esse vasto território imaterial que nos une para além das distâncias oceânicas. Considere-se este volume como a convergência do *sêbê non*, o nosso saber, tecido a partir de narrativas germinadas em diversas coordenadas da irmandade lusófona. Nele, cada investigador assume a nobre função de guia atento, desbravando o acesso às camadas mais profundas que habitam cada texto.

Esta viagem inicia-se, por inerência, no arquipélago de São Tomé e Príncipe, pátria-berço desta publicação, desvendando-se através de um tributo à poetisa, cronista e jornalista Conceição Lima, esculpido a quatro mãos por dois docentes da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de São Tomé e Príncipe, Beatriz de Castro Afonso e Manuel Neto. Este texto ergue-se, deste modo, como um monumento de gratidão destinado a perpetuar a memória de uma figura incontornável das letras são-tomenses e da literatura em língua portuguesa.

Da nossa parte, se nos é permitido evocar a voz singular de editores, cumpre-nos confessar um profundo reconhecimento à existência pelo supremo privilégio de termos partilhado ideias e instantes com a inolvidável Conceição Lima.

Aprofundando a imersão na realidade literária são-tomense, propomos a travessia por duas reflexões de singular relevo: “Respiram as ilhas, respira a poesia:

¹ O discurso encontra-se disponível na sua versão integral no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=tsqcziX5_6E (consultado pela última vez a 25 de setembro de 2026).

São Tomé e Príncipe nos poemas de Goretti Pina” e “As dolorosas raízes da memória na obra de Conceição de Deus Lima: Uma leitura dos poemas *Afroinsularidade* e *São João da Vargem*”, assinadas, respetivamente, por Gustavo Henrique Rückert e por Celeste Sebastião Sousa. No primeiro artigo, o autor interroga a obra *A respiração dos dias*, de Alice Goretti Pina, perscrutando-a à luz dos diálogos intertextuais com a matriz cultural são-tomense e com a literatura-mundo. Revela-se, assim, a pulsante vitalidade de uma poesia que prolonga e transfigura o legado fundacional de estandartes como Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo. No segundo estudo, a autora desvenda os escaninhos da memória colonial e pós-colonial na escrita de Conceição Lima, detendo-se sobre os poemas “*Afroinsularidade*” e “*São João da Vargem*”. Nesta teia onde se conjugam a espessura do tempo histórico, a força telúrica da ancestralidade e o desenho da identidade, a poesia de Conceição Lima ergue-se como território de resistência, artefacto de preservação da memória coletiva e pilar da alma são-tomense.

Prosseguindo nesta rota itinerante, aportamos a Moçambique através de duas reflexões fundamentais: “Entre revolução e tirania: David como herói alienado em *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane” e “Entre raízes e palavras: ecocrítica, oralidade e pensamento biológico em *As Sementes do Céu*, de Mia Couto”, da autoria de Ibrahima Dieme e de Karina de Fátima Gomes, respetivamente. No artigo dedicado a Paulina Chiziane, examina-se a figura de David, protagonista de *O sétimo juramento*, convocando os prismas marxistas da alienação e da reificação. O investigador demonstra como o percurso desta personagem encarna as profundas contradições do Moçambique pós-independência, desmascarando a persistência de estruturas de dominação, a fratura das desigualdades e as marcas desumanizadoras do capitalismo periférico. Por sua vez, na leitura dedicada a Mia Couto, a autora adentra o universo de *As Sementes do Céu*, cruzando a literatura infantil, a ecocrítica, a oralidade e o pensamento biológico para explorar um diálogo íntimo e relacional entre a natureza, a cultura, a matéria e a existência. Através da figura tutelar do avô e da semântica do *semear*, resgatam-se os saberes ancestrais, a força da memória e o fôlego da linguagem como instrumentos de reparação ecológica, sublinhando a urgência da literatura na germinação de uma consciência desperta para a indissociável relação entre o humano e o não humano.

Por fim, a última paragem desta travessia conduz-nos ao Brasil, ancorado neste volume através do artigo “Escrita como existência e resistência: a mulher negra na Literatura Brasileira de Língua Portuguesa - uma leitura a partir de Carolina Maria de Jesus”, assinado por Clesiane Bindaco Benevenuto e Priscila Valle dos Santos Silva. A reflexão das autoras debruça-se sobre a notável produção literária de Carolina Maria de Jesus, convocando obras basilares como *Diário de Bitita* e *Quarto de Despejo* para investigar os modos de construção discursiva da mulher negra no seio da literatura em língua portuguesa.

À luz dos prismas teóricos do feminismo decolonial, da interseccionalidade e da escrevivência, a escrita de Carolina Maria de Jesus revela-se, segundo as autoras, não apenas como um fôlego estético, mas como uma intransigente prática de resistência e consolidação de subjetividades negras, desestabilizando as margens da representação e restituindo a centralidade a vozes secularmente silenciadas.

Os organizadores